

APRESENTAÇÃO

A fé e os sacramentos são dois aspectos complementares da vida eclesial. Suscitada pelo anúncio da Palavra de Deus, a fé alimentada cresce no encontro com a graça do Senhor ressuscitado que se realiza nos sacramentos: “A fé exprime-se no rito e este revigora e fortifica a fé” (cf. Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, n. 6).

Dentre os sacramentos, o sacramento do altar está sempre no centro da vida eclesial, seja porque efetivamente foi e é a celebração principal da Igreja, seja porque é o mais frequente e o mais comunitário de todos os sacramentos.

Inserir-se com mais profundidade no mistério desse augusto sacramento é uma necessidade urgente para todos nós que queremos nos deixar envolver pelo amor maior: Jesus Cristo.

O Padre Humberto Robson de Carvalho, através desta obra – *Missa: celebração do mistério pascal de Jesus* – quer nos auxiliar a compreender como Jesus continua a nos amar, principalmente através de uma participação frutuosa da Eucaristia, como ensinou o Concílio Vaticano II.

Com uma linguagem acessível e adaptada à realidade pastoral de nossas comunidades, ele refaz o caminho da

instituição da Eucaristia pelo Senhor Jesus e os momentos essenciais do desenvolvimento da celebração na caminhada da Igreja, e apresenta a estrutura da Celebração Eucarística em suas várias partes (liturgia prática) para nos ajudar – equipes litúrgicas – a preparar a santa celebração em sintonia com o senso eclesial, nos mantendo fiéis ao propósito de renovação litúrgica desejada pelo Concílio Vaticano II.

O texto traça também alguns elementos de espiritualidade litúrgica ao tratar do tempo litúrgico e das vestes próprias dos ministros ordenados e não ordenados, e nos dá ferramentas para trabalhar nas comunidades a beleza do Cristo que se revela no tempo e que é a fonte e a meta da espiritualidade da Igreja.

Esta obra do Padre Humberto Robson de Carvalho, na celebração dos cinquenta anos da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, vem nos ajudar a realizar uma das metas da renovação do Concílio:

Por isso a Igreja com diligente solicitude zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos. Mas cuida para que bem compenetrados pelas cerimônias e pelas orações participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra e deem graças a Deus. E aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele e assim tendo a Cristo como Mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos (*Sacrosanctum Concilium*, n. 48).

É uma obra que vale a pena ser lida, estudada e utilizada na vida pessoal e no trabalho pastoral junto às comunidades.

Dom Sérgio de Deus Borges
Bispo Auxiliar de São Paulo
Vigário Episcopal para a Região Santana

INTRODUÇÃO

Em vista das dificuldades que catequizandos, catequistas e agentes de pastoral encontram sobre o conhecimento litúrgico-pastoral da celebração mais importante da vida dos cristãos, a Missa, é que me propus a escrever sobre alguns elementos fundamentais a respeito dessa celebração.

Este livro foi elaborado, principalmente, com base nos estudos de Aimé Georges Martimort (1989), Claudio Pastro (1993), Dionísio Boróbio (1993), Gregório Lutz (1995), Matias Augé (1996), Ione Buyst (2001), José Aldazábal (2002), Alberto Beckäuser (2002) e José Ariovaldo Silva (2002). Serviu-lhe como fonte primordial a *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR), Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia *Sacrossanctum Concilium* (SC), *Guia Litúrgico-Pastoral* e o projeto *Liturgia em Mutirão*, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A Celebração Eucarística, mais conhecida pelo nome de Missa, é a celebração principal de nossa fé, centro e fonte da vida de toda comunidade cristã.

A Missa é a celebração do mistério pascal de Jesus. Nela se perpetua a Ceia do Senhor e o sacrifício da cruz (cf. IGMR, n. 27). Entende-se por mistério pascal a paixão, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus. Celebrar o misté-

rio pascal de Cristo é celebrar Cristo em nossa vida e a nossa vida em Cristo.

A palavra Missa recorda o tempo em que se realizava a despedida dos que ainda não haviam recebido o sacramento do Batismo. Os catecúmenos, isto é, os que se preparavam para receber o sacramento do Batismo, após a Liturgia da Palavra, deviam ir embora (*missio*), o que, por sua vez, se transformou no nome da celebração.

O Concílio Vaticano II adotou a expressão Celebração Eucarística ou Eucaristia por expressar com mais exatidão a riqueza da celebração, mas, por força da tradição, permanece a expressão Missa, que deveria aos poucos desaparecer.

Embora eu seja favorável ao uso do termo Eucaristia ou Celebração Eucarística, por força do uso comum da expressão, neste livro será usada a palavra Missa.

A fé da Igreja é essencialmente eucarística. É por isso que, ao convite do celebrante: “Eis o mistério da fé”, respondemos prontamente ao mistério celebrado, realidade que ultrapassa toda a compreensão humana. Expressamos o motivo central do nosso louvor e ação de graças. A Eucaristia, sacramento do altar e sacramento da caridade, está sempre no centro da vida da Igreja.¹

A celebração da Missa, que torna presente a obra salvífica de Jesus, deve ser para todos nós fonte renovadora de forças no empenho pastoral, nos trabalhos e projetos permeados de alegrias, sofrimentos e esperanças. Isso para que, ao comungarmos o Corpo e o Sangue do Senhor, possamos fortalecer os laços de fraternidade, comungando a vida de cada irmão, de cada irmã e fazendo de nossa vida uma con-

¹ BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja, *Sacramentum Caritatis*, n. 1-2.

tínua ação de graças ao Pai, fonte de todo bem e de toda graça.

O objetivo deste livro é ser um instrumento eficaz no trabalho pastoral, sobretudo um material precioso no que se refere à preparação da Sagrada Liturgia, e que desperte em cada um a profunda compreensão litúrgico-pastoral do mistério que celebramos na Missa: a morte e a ressurreição do Senhor Jesus Cristo, nosso amado Salvador e Redentor de toda a humanidade.

ORIGEM HISTÓRICA DA MISSA

I. FRAÇÃO DO PÃO: PRIMEIRO NOME DA EUCARISTIA

No início do cristianismo, conforme registram os Atos dos apóstolos, os cristãos partiam o pão em casa, fazendo suas refeições com alegria e simplicidade de coração (cf. At 2,42).¹ Chamavam essa refeição de Fração do Pão. Em algumas circunstâncias dizia-se também Ceia do Senhor. As duas realidades nos remetem a um contexto de refeição. O apóstolo Paulo também a chama de mesa do Senhor, cálice do Senhor. Só no final do século I e início do século II, com a *Didaché* (catecismo dos primeiros cristãos), a celebração da Ceia passará a se chamar Eucaristia.

Embora os textos nos forneçam poucos dados, tudo indica que, já desde a primeira geração, associava-se a Ceia eucarística à celebração da Palavra.

¹ Mesmo que a expressão “fração do pão” possa designar apenas um dos elementos da refeição, tudo indica que o vinho foi, desde o princípio, matéria integrante da Eucaristia, como afirma Paulo (cf. 1Cor 10-11).

Mesmo tendo presente a evolução do nome dado à Eucaristia, que apontava para uma forma dinâmica de compreender seu significado, havia um foco que permaneceu imutável pelo menos até o primeiro milênio da Era Cristã. Trata-se do entendimento de que a Eucaristia era celebrada “em memória de Jesus”, ou seja, para realizar o memorial de sua Páscoa. O memorial é mais do que simplesmente um “recordar na memória”. Para a compreensão bíblica, celebrar o memorial é, além de recordar o fato, atualizá-lo de tal forma que, pela celebração ritual, trazemos para o aqui e agora os efeitos e a força da Páscoa do Senhor.

Essa compreensão do “memorial” já estava presente na Páscoa judaica. Da mesma forma que os judeus “fazem memória” do Êxodo e, celebrando a Ceia pascal judaica, se consideram participantes da ação libertadora de Deus, nós, cristãos-católicos, na Missa, somos envolvidos pelo mistério da morte-ressurreição do Senhor por meio da Celebração da Eucaristia.

2. CEIA PASCAL JUDAICA

Nos tempos de Cristo, o desenrolar da Ceia pascal judaica se divide em quatro partes.² A primeira parte é o *qiddush* (santificação): uma vez servido o primeiro cálice de vinho, o pai de família pronuncia a primeira bênção: “Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, rei do universo...”. Todos bebem o vinho no seu cálice, lavam as mãos e tra-

² Cf. José ALDAZÁBAL, *A Eucaristia*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 47.

zem comida à mesa. Comem a verdura amarga molhando-a num molho especial (*haroset*). O pai parte o pão ázimo (*matza*) em duas porções, uma delas é escondida para ser tomada no final da ceia, a outra vai sendo distribuída aos comensais.

A segunda parte é o *haggadah* (relato, homilia): depois de servido o segundo cálice, há um ritual, com base nas perguntas das crianças e nas respostas do pai, sobre a história e o sentido dessa noite pascal. Conta-se a história da ida ao Egito, da escravidão e da libertação com Moisés. A homilia é intercalada com cantos de louvor a Deus e, sobretudo, com uma exortação feita pelo pai de família que preside a ceia. Todos bebem o segundo cálice, lavam as mãos e então participam da Ceia pascal. A ceia termina repartindo-se o pão que foi escondido no início.

A terceira parte é o *birkat ha mazon* (ação de graças depois da refeição). Serve-se o terceiro cálice de vinho e então o pai pronuncia a bênção (*berakah*). Todos bebem o terceiro cálice. A refeição familiar para o povo judeu é um verdadeiro ato religioso, por isso é acompanhada de uma série de bênçãos.

A *berakah* era e ainda é a oração mais importante para os judeus. Pode-se dizer que é a oração por excelência. Nessa oração o judeu admira, louva, agradece e reconhece a bondade de Deus traduzida na riqueza de cada pessoa e inclusive na alegria dos bens da terra.

A *berakah* era um bem-dizer no sentido próprio da palavra: dizer bem de alguém; neste caso, de Deus. O primeiro objeto da bênção, portanto, é Deus. Notamos que esse sentido da bênção difere daquele que damos normalmente a essa palavra: pedir bênção de Deus, isto é,

pedir a graça de Deus em favor das criaturas. A *berakah* é uma bênção “ascendente”, de louvar a Deus, enquanto a Igreja, nos últimos séculos, entendeu geralmente as bênçãos numa linha “descendente”.³

A Berakah:

“Bendito és tu, Senhor nosso Deus, Rei do mundo, que alimentas todo o mundo com tua bondade, graça, fidelidade e piedade; és tu quem dá o pão a toda carne, porque eterna é tua fidelidade; e na tua grande e perene bondade não nos faltou e não nos faltará o alimento eterno e para sempre, por causa de teu Nome grande, porque és tu que alimentas e nutres e beneficia a todos e dispões o alimento para todas as tuas criaturas que criaste.

Bendito és tu, Senhor nosso Deus, que alimentas a todos! Nós te confessamos, Senhor nosso Deus, da terra do Egito, e nos libertaste da casa da servidão, e por tua aliança que marcaste em nossa carne, e por tua Lei que nos ensinaste, e por teus estatutos que nos fizeste conhecer, e pela vida, a graça e a fidelidade com que nos agraciaste, e por ter comido o alimento com que nos alimentas e nos nutres perenemente, a cada dia e em todo tempo e em toda hora. E, por todas essas coisas, Senhor nosso Deus, nós te confessamos e te bendizemos: seja bendito teu Nome na boca de todo vivente perenemente, em eterno e para sempre, como está escrito: ‘E comerás e te saciarás e bendirás o Senhor Deus teu, pela terra boa que te deu’ (Dt 8,10).

Bendito és tu, Senhor, pela terra e pelo alimento.

Tem, pois, piedade, Senhor nosso Deus, de Israel, teu povo, e de Jerusalém, tua cidade, e de Sião, habitação de tua glória, e do reino da casa de Davi, teu messias, e da casa grande e santa sobre a qual foi invocado teu Nome.

³ G. LUTZ, *Páscoa ontem e hoje*, São Paulo, Paulus, 1995, p. 82.

Nosso Deus, Pai nosso, apascenta-nos, alimenta-nos, nutre-nos, e sustenta-nos e faz com que tenhamos alento sim, dá-nos maneira de ter alento, Senhor nosso Deus, depressa, em todas as nossas tribulações; e te rogamos: não nos faças sentir necessidade, Senhor nosso Deus, nem das mãos que dão um dom de carne e sangue nem nas das mãos que dão seu empréstimo, mas só de tua mão cheia, aberta, santa e generosa, da qual não nos envergonharemos, e pela qual não seremos confundidos eternamente e para sempre.

Nosso Deus e Deus de nossos pais, sobe e vem e junta-te e se veja agradável e seja escutada e seja considerada e seja rememorada diante de ti a memória de nós e a consideração de nós e a memória de nossos pais e a memória do Messias, filho de Davi, teu servo, e a memória de Jerusalém, tua cidade santa, e a memória de todo o teu povo, a casa de Israel: para o 'resto', para o bem, para a graça, e para a fidelidade e para a piedade, para a vida e para a paz, neste dia da festa dos ázimos; faz memória de nós, Senhor nosso Deus, nele para o bem, e considera-nos nele para a bênção, e salva-nos nele para a vida, e com a palavra de salvação e de piedade sejas compassivo, e faze-nos graça e tem piedade de nós e salva-nos, porque para ti são nossos olhos, porque um Deus de graça e de piedade és tu. E reconstrói-nos Jerusalém, cidade santa, prontamente, em nossos dias. Bendito és tu, Senhor, que nos reconstróis Jerusalém (em tua piedade). Amém.”⁴

A quarta e última parte é o *hallel* (salmos de louvor): sobre o quarto cálice, dizem-se os salmos 114-117, além do Salmo 135, junto com outras bênçãos. As últimas bênçãos são de projeção para o futuro.

Para os judeus, a Ceia pascal é a mais expressiva das refeições sagradas e ao mesmo tempo a celebração memorial

⁴ Cesare GIRAUDO, *Num só Corpo: tratado mistagógico sobre a Eucaristia*, São Paulo, Loyola, p. 120-121.

da salvação operada por Deus em favor deles no Êxodo. É uma celebração comunitária e familiar que renova a cada ano a aliança do povo com Deus.

3. A CEIA PASCAL DE JESUS E DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

A Eucaristia tem sua origem na última Ceia de Jesus com seus discípulos, quando se reuniram para a celebração da Páscoa judaica. Jesus e os discípulos celebraram à maneira judaica. Os discípulos continuaram, por algum tempo, participando do templo e do modo de rezar dos judeus. Só mais tarde os primeiros cristãos foram elaborando, por assim dizer, o jeito cristão de celebrar. Aos poucos, foram criando formas próprias.

A Missa, em seus elementos rituais originários, está em continuidade com a liturgia judaica, com acréscimos substanciais e culturais ao longo da história. Mas há, sobretudo, uma grande novidade, pois na Eucaristia está presente a ação pascal do próprio Jesus, que entregou sua vida por nós e ressuscitou glorioso.

Segundo o apóstolo Paulo, as reuniões entre os primeiros cristãos serviam para a refeição fraterna, como também para a Ceia eucarística, normalmente celebrada dentro de uma refeição, seguindo o costume judaico, como fez Jesus na Última Ceia.⁵

⁵ Cf. I Cor 11, 17-34. A Última Ceia é um exemplo típico de reinterpretação "cristã" da Ceia pascal judaica: celebração memorial não mais do Êxodo, mas da passagem de Cristo deste mundo ao Pai.

À medida que o tempo passou, pode-se dizer que se institucionalizou a prática apostólica das reuniões para a “fração do pão” em casas particulares. As famílias com mais possibilidades ofereciam suas casas para as reuniões da comunidade cristã.

Expressões para designar a Eucaristia, no Catecismo da Igreja Católica (1328-1332):

“A riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diversos nomes que lhe são dados. Cada uma destas designações evoca alguns de seus aspectos. Ele é chamado:

Eucaristia, porque é ação de graças a Deus. As palavras *eucharistia* (Lc 22,19; 1Cor 11,24) e *eulogein* (Mt 26,26; 14,22) lembram as bênçãos judaicas que proclamam durante a refeição as obras de Deus: a criação, a redenção e a santificação.

Ceia do Senhor, pois se trata da Ceia que o Senhor fez com seus discípulos na véspera da sua paixão, e da antecipação da ceia das bodas do Cordeiro na Jerusalém celeste.

Fração do Pão, porque esse rito, próprio da refeição judaica, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como presidente da mesa, sobretudo por ocasião da Última Ceia. É por esse gesto que os discípulos o reconhecerão após a ressurreição, e é com essa expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas. Com isso querem dizer que todos os que comem do único pão partido, o Cristo, entram em comunhão com ele e já não formam senão um só corpo nele.

Assembleia eucarística, porque a Eucaristia é celebrada na assembleia dos fiéis, expressão visível da Igreja.

Memorial da paixão e da ressurreição do Senhor.

Santo sacrifício, porque atualiza o único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja; ou também santo sacrifício da Missa, sacrifício de louvor (Hb 13,15), sacrifício espiritual, sacrifício

puro e santo, pois realiza e supera todos os sacrifícios da Antiga Aliança.

Santa e divina Liturgia, porque toda a liturgia da Igreja encontra o seu centro e a sua expressão mais densa na celebração desse sacramento; é no mesmo sentido que se chama também celebração dos Santos Mistérios. Fala-se também do Santíssimo Sacramento, porque é o sacramento dos sacramentos. Com essa denominação designam-se as espécies eucarísticas guardadas no tabernáculo.

Comunhão, porque é por esse sacramento que nos unimos a Cristo, que nos torna participantes do seu Corpo e do seu Sangue para formarmos um só corpo.

Santa Missa, porque a liturgia na qual se realizou o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis (*missio*) para que cumpram a vontade de Deus na vida cotidiana”.

4. A EUCARISTIA E O DOMINGO

Uma grande novidade que os cristãos introduziram foi o costume de realizar as reuniões litúrgicas “no primeiro dia da semana”. Deram, inclusive, um nome para esse dia: “dia do Senhor” (domingo), por ser o dia memorial da ressurreição do Senhor (cf. 1Cor 16,2; At 20,7; Ap 1,10).

São Jerônimo, no final do século IV, escreve:

O nosso dia é o dia do Senhor, o dia da ressurreição, o dia dos cristãos. É chamado domingo, porque neste dia o Senhor subiu vitorioso para junto do Pai. Se os pagãos o chamam dia do sol, nós concordamos com eles de boa mente, porque foi nesse dia que surgiu a Luz do mundo, foi nesse dia que surgiu o Sol da justiça sob cujas asas se abriga a salvação.

Portanto, os primeiros cristãos não apenas celebravam os sagrados mistérios da fé, mas viviam a sua espiritualidade cotidianamente com uma profunda preocupação no que se refere à partilha e à solidariedade fraterna.

Olhando firmemente para os nossos primeiros irmãos na fé, surge também em nós a necessidade de sermos “hóstias vivas”⁶ para o louvor do Pai, a edificação da Igreja e a construção e reconstrução da nossa sociedade tão necessitada de respeito, justiça, amor fraterno e de relações reconciliadas e solidárias.

Por tradição apostólica que tem sua origem do dia mesmo da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra cada oitavo dia o mistério pascal, naquele que se chama justamente dia do Senhor ou domingo. Nesse dia, pois, devem os fiéis reunir-se em assembleia para ouvir a Palavra de Deus e participar da Eucaristia, e assim recordar a paixão, ressurreição e glória do Senhor Jesus e dar graças a Deus que os “gerou de novo pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva” (1Pd 1,3). O domingo é, pois, o principal dia de festa que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis: seja também o dia da alegria e da abstenção do trabalho. As outras celebrações não lhe sejam antepostas, a não ser as de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico” (*Sacrosanctum Concilium*, n. 106).

Vamos conhecer agora um dos textos mais antigos que comenta a relação entre a Eucaristia e o domingo como dia do Senhor. É um texto do filósofo cristão Justino escrito por volta do ano 155:

⁶ Rm 12,1: “Eu vos exorto, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a vos oferecerdes em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto espiritual”.